

# O PROGRESSO

PUBLICA-SE NAS TERÇAS E SEXTAS.

Assigna-se e vend-se no escriptorio da redacção na Rua do Souto n.º 10. — Correspondencias de interesse particular e annuncios por linha 30 réis: para os snrs. assignantes 25 rs. — Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção do jornal franca de parte. Preço da assignatura: sem estampilha por trimestre 600 réis — (com estampilha) 750 réis: para o Brazil, por navio de vela) 750 réis.

NUMERO 94

SEXTA FEIRA 11 DE DEZEMBRO

DE 1863

## BRAGA 11 DE DEZEMBRO

Está breve a começar a administração da nova camara municipal.

Os amigos da prosperidade e progresso d'este concelho esperam ansiosos pela sua gerencia, porque antevêm uma epocha brilhante para o municipio.

A independencia, a honra, o patriotismo, o desejo vivo do progresso e civilização d'esta boa terra que se dá em todos os illustres vereadores, ultimamente eleitos, são garantias mais que sufficientes para nutrir esperanças tão lisongei-ras.

Muitos são em verdade os melhoramentos de que se carece.

Ha ahí obras da mais reconhecida necessidade e que é indispensavel fazerem-se para que em vez de progredirmos não retrogrademos. E' uma vergonha o estado em que se acham quasi todas as ruas, ainda as mais centraes e de maior transito. Proceder ao seu calçamento é uma medida que todos reclamam. E' lastimoso o estado em que se acha o abastecimento das aguas: é uma vergonha que ainda não esteja concluida a estrada do Bom Jesus do Monte, essa estrada que nos liga com um dos pontos mais pittorescos d'esta provincia, que é continuamente visitado, por nacionaes e estrangeiros, e que é, talvez, o que chama a Braga uma grande parte dos seus visitantes. E' necessario acabar os paços municipaes; continuar com o alargamento da rua do Souto; fazer o cemiterio; e curar da limpeza da cidade.

Não exigimos que a nova camara faça tudo e que remedie todas as necessidades que por ahí ha, porque seria exigir muito, ou talvez o impossivel; mas

o que esperamos é que attenda ao que é mais urgente, e que mostre que sabe dar boa applicação aos rendimentos publicos, e que se interessa pelo florescimento e progresso do municipio.

Reconhecemos, é verdade, que a falta de meios deve ser um obstaculo para a realização de muitos melhoramentos, e de tantos, quantos desejaria legar ao municipio. No entanto, parece-nos que não é invencivel esse obstaculo.

Reprovamos completamente o augmento de contribuições, e estamos certos de que esse expediente não está no animo dos illustres vereadores. Quando aconselhamos a sua eleição, procuramos desvanecer do espirito publico esses boatos que de proposito se espalhavam contra elles ácerca d'augmento de contribuições, porque sabiamos que era uma calumnia. E agora afirmamos o que então dissemos, porque temos tambem a certeza de que todos os vereadores eleitos votam contra semelhantes augmentos e excessos.

Parece-nos, porém, que a nova camara poderá fazer face a despesas mais avultadas, se quizer emprehender melhoramentos importantes, e para que lhe não cheguem os rendimentos e dinheiros do municipio, sem contudo vexar, nem gravar os seus habitantes.

Além d'uma boa e exacta fiscalização de todos os rendimentos, afigura-se-nos que a camara poderia tirar grandes recursos da remissão dos foros municipaes.

E' uma medida proveitosa e cuja utilidade a experiencia tem mostrado. Reduzindo-se a inscrições o producto de foros tal, que o municipio venha a receber annualmente o mesmo rendimento

que recebia até á epocha da remissão, além de se obter o mesmo rendimento, sem vexame, sem a de-peza com a fiscalização, e sem demandas, o que é um grande proveito para o municipio, vai-se por esta fórma consolidar o credito, porque, quanto maior for o numero d'individuos e de corporações que possuirem inscrições tanto maiores são as garantias do seu pagamento.

Mas, além d'estes beneficios, acrece que a camara poderá, sobre a receita provavel do producto das remissões, contrahir um emprestimo importante, e com elle fazer face a despesas que sejam convenientemente applicadas a grandes obras e melhoramentos de reconhecida necessidade.

E dizemos contrahir um emprestimo, porque, como d'ordinario a remissão não se verifica de momento, mas com certa demora, se a camara esperasse pela receita d'essa operação, gastaria talvez todo o tempo de sua gerencia, preparando apenas o caminho para a verreação que se lhe seguisse.

D'este modo, pois, é facil emprehender grandes obras, em proveito do municipio, sem contudo gravar os povos com novos tributos e encargos.

E nem pareça que é nova esta medida. Além de ter sido ensaiada com grande proveito em differentes districtos, neste districto mesmo tem já sido posta em practica pelas camaras de Terras de Bouro, Villa Nova, Guimarães, Villa Verde e Fafe, algumas das quaes tem já emprehendido melhoramentos importantes, avultando entre ellas a camara de Fafe, que não deve ser suspeita porque é toda opposição e até

presidida por um cavalheiro reconhecidamente hostil ao governo.

Lembramos, pois, este meio á nova camara, por nos parecer proveitoso, e de que se podem colher importantes beneficios. Não sabemos se estas ideias estão em harmonia com as suas intenções, ou se da sua parte haverá já este projecto. Se o houver, não queremos para nós a honra de invenção. O que queremos é ver o nosso municipio progredir e melhorar, parta a iniciativa dos melhoramentos e das medidas de quem partir.

Voltaremos ao assumpto.

Lisboa 3 de Dezembro.

(Do nosso correspondente).

Continúa a carestia de novidades politicas e a abundancia d'intrigas mesquinhas. A opposição faz zumbaias ao snr. duque de Loulé na intenção de auxiliar a queda do snr. Lobo d'Avila. Afiguram-se desharmonias entre estes dous conselheiros da coroa, e imaginam-se cheques que não existem, e tão conhecidamente phantasmagoricos, que não produzem effeito nenhum.

A harmonia entre o snr. presidente do conselho e o snr. ministro da fazenda, é visivel e clara, e deduz-se perfeitamente do accordo dos actos do poder executivo.

Como é possivel que se conserve á frente da administração d'um paiz um gabinete, não havendo commum accordo d'intenções, de vontade e de ideias entre os seus membros?

Que effeito podem, pois, produzir estas innocencias da opposição?

Mas a opposição tem talvez outro fim em vista: intenta talvez criar a des-

## FOLHETIM

### VIRTUDE E VICIO

(conclusão.)

#### EPILOGO

Quando mais forte se empenhava a lucta, mais ardente a peleja, ceifando cabeças d'um e outro lado, como espigas de trigo; uma mulher rôta, descalça, com os pés ensanguentados e os cabellos em desalinho, rompeu por entre as balas, destemida, apresentando o peito á morte, afastando com os braços os soldados, que feridos de espanto a deixaram passar, e chegando junto a Ricardo, aprou o golpe da espada que vinha sobre a sua cabeça, e cahiu-lhe desfallecida aos pés! Ricardo sem curar de defender-se, tomou-a nos braços, e depois de a olhar por alguns instantes, murmurou com doloroso e afflictivo pasmo — Candida!... Candida!... —

— Sou eu Ricardo, sou eu... sou a tua esposa!... quiz vir morrer a teus pés para te dizer que me caluniaram, que sempre te amei com todas as forças da minha alma, e que morro innocente!... percebes?... inno-

cente de toda a culpa!!! Agora um abraço!.. o ultimo Ricardo, e recebe com elle o perdão de tua esposa!...

— Candida!... mas como foi isto? em que infernal labyrintho me metteram?

— Esqueceste-te, Ricardo, da vingança de tua mãe? não advinhas que tudo foi obra sua?! O anel, sabes, aquelle anel? julgava-o perdido; foi ella que m'o tirou! Vamos, esquece e perdoa, como eu esqueci e perdoei tudo! Quiz rehabilitar-me no teu conceito, arrastei-me até aqui em nome de Deus te juro que vou comparecer perante o throno do Altissimo isenta de uma culpa!... Agora, um abraço... o ultimo... é que eu sinto ainda o calor do teu coração fazer palpitar o meu!... Espera... eu morro; um ultimo esforço... aperta-me ainda em teus braços....

Candida fechou os olhos, e deixou pender a cabeça para o hombro de seu marido

— Não morrerás! — exclamou, apertando-a contra si, com furia demente, não morrerás em quanto neste coração houver uma gota de sangue!!

Candida, luctando ainda com a morte, entreabriu os olhos, e ciciou estas palavras.

— Não é possivel, filho! não vês que es-

taou ferida?!... Dá-me a tua mão encosta-m'a assim aos labios; e agora deixa-me morrer!

A cabeça inerte e sem vida pendia para traz, os olhos toldaram-se-lhe com as sombras da morte, e o corpo resvalou para o chão, porque os braços de seu marido não tinham força para a suster!! Ricardo soltou um grito agudo, doloroso e horrivel! os cabellos eriçaram-se-lhe como espinhos, os labios crespam-se-lhe com um sorriso de demonio, os olhos torciam-se-lhe nas orbitas com todos os syntomas de uma catalepsia! Hirto e immovel como um cadaver, o olhar demente e perdido, parecia respirar fogo do peito, onde lhe ardiam as chammas de um inferno terrivel e insuportavel!! De repente cerrou os punhos com raiva; mordeu os dedos até espirrarem sangue, e com um rugido rouco bradou.

— Oh! minha mãe, minha mãe, tens um filho maldito, mas treme da sua vingança!

— É um brado perdido, senhor, respondeu-lhe do lado uma voz: sua mãe não treme da sua vingança, já foi receber o castigo de suas culpas!

Agora resta-lhe orar pela alma dessa sancta, que preferiu um martyrio de dez an-

nos ao prazer da vingança! Em quanto sua mãe existisse, nunca esta lhe arrancaria a mascara que encobria um crime! Respeitava-a mais do que o proprio filho, e submissa se sacrificou por ella até ao ultimo instante!

Quem assim fallava era Antonio, que tendo seguido Candida, e advinhando-lhe o intento, não a deixara entrar só no campo da batalha; e sem ser visto de Ricardo o tinha defendido com a propria arma d'elle. A esta desconhecida protecção devera o official o ainda estar vivo e incolume. Ricardo voltou-se para elle, e não o conheceu! Quando Antonio ia a desfechar a arma contra um inimigo que apontava para Ricardo, este suspendeu-lhe o braço, e cahiu sobre o cadaver de sua esposa. Uma bala lhe tinha atravessado o cerebro. Quando os soldados o levantaram, era tambem cadaver!...

Lodeiro 11 de Janeiro de 1863.

HENRIQUETA ELIZA



harmonia, annunciando-a previamente. Julga talvez que transtorna a machina governativa, fazendo com que por effeito dos seus canards o snr. ministro da fazenda duvide da lealdade do snr. presidente do conselho, e que o snr. duque de Loulé suspeite da boa fé do snr. Lobo d'Avila.

Triste illusão esta, que lhe dá em resultado, como todas as outras, mais uma tristissima decepção!

O ministerio está solido, e apesar destes manejos menos decentes, a opposição terá de continuar a chorar... a felicidade publica.

Perdeu-se a eleição municipal no Porto: outro argumento para provar a fraqueza do ministerio!

Em Lisboa ganhou-a o governo: foram os cabos de policia, os regedores, os administradores dos bairros, o governador civil, os proprios ministros que andaram de porta em porta, com o chapeo na mão e de aspecto supplicante, implorando submissos os votos em favor da lista progressista, em quanto que a opposição estava quieta, não embaraçando a eleição, deixando na urna a necessaria liberdade e independencia; — perde-a no Porto, é porque os cabos de policia, os regedores de parochia, os administradores dos bairros, o governador civil e os ministros são entidades antipathicas ao segundo municipio do paiz, que se não sujeita a votar cegamente na lista da auctoridade. Venceram em Lisboa os candidatos progressistas, porque os eleitores da capital são parvos, servís, sem honra, sem dignidade, sem pudor; perderam os candidatos da situação no Porto, porque os habitantes da cidade invicta são independentes, patriotas, intelligentes e ciosos da sua dignidade.

Se amanhã se verificar outra eleição nas duas primeiras cidades do reino, cujo resultado seja contrario ao da ultima, teremos que vêr transpostos os juizes e applicado o elogio aos de Lisboa, e substituidos os que se fazem agora aos eleitores do Porto pelos vituperios e insultos com que foram mimoseados os da capital.

É este o antigo e habitual costume da opposição.

É outra illação, porque o paiz não vê nos factos a causa que a opposição lhe imputa, e vê a verdade só.

A eleição de Lisboa foi favoravel á lista progressista, porque os eleitores não viram na da opposição mais garantias de intelligencia, d'habilitações e de boa governação municipal, e viram este assumpto, que devera ser completamente domestico, discutido como questão politica pela opposição, cujos chefes, os primeiros e os mais importantes, recomendavam com a sua assignatura os candidatos do seu gremio; e Lisboa corre sempre presurosa á urna a votar seja em quem fór, com tanto que se trate de provar a sua má vontade e pouca fé nos grupos politicos que actualmente constituem a opposição.

No Porto as cousas passaram-se de outra forma: ahí, se os comicios progressistas escolheram candidatos bem mais competentes que os de Lisboa; a opposição teve tambem o bom senso de fazer o mesmo; ahí deixou-se correr a eleição como negocio puramente de familia, e os votantes elegeram quem mais competente lhes pareceu. O resultado foi logico, e a vereação ficou formada de cavalheiros de todos os grupos politicos, sem que nenhum delles possa cantar victoria ou chorar a derrota.

Os hymnos da opposição são tão ficticios, como os seus programmas, como as suas promessas, como ella propria.

A eleição teve em Lisboa caracter politico, porque a opposição o quiz; soffreu uma derrota, porque a preparou; foi no Porto o que deve ser uma eleição municipal, porque gregos e troyanos tractaram como deviam os seus interesses domesticos, e assim poupou a opposição um cheque, que é provavel recebesse se desse á eleição do Porto o caracter que teve a imprudencia de lhe dar em Lisboa.

A auctoridade, essa foi em Lisboa e no Porto indifferente á lucta, como lhe cumpria.

A *Gazeta* aprecia d'outra forma a eleição municipal do Porto; diz o seguinte:

«O snr. ministro da fazenda escolheu os capitães que lhe pareceram melhores, e o Porto elegeu os vereadores que lhe agradaram mais.»

O juizo do jornal opposicionista, creio que não é mais favoravel aos seus do que aos adversarios.

Tem-se fallado tambem muito na eleição da Regoa: tenho visto nos jornaes opposicionistas de Lisboa descrições horribes d'atrocidades inauditas. Não m'as confirmam os jornaes da localidade, que commungam na opposição, e eu por consequencia duvido da veracidade dos factos que me narram os de Lisboa. É o meu juizo, e creio que não erro.

— A folha official, n'um dos seus ultimos numeros, publicou o accordão da Relação de Lisboa, sobre a syndicança a que a lei a obriga, ácerca do juiz de direito José Maria da Costa. O accordão julga illibada a conducta deste funcionario, que é muito digno e muito integro.

O snr. José Maria da Costa foi juiz de direito em Sotaventô de Cabo-Verde, e foi vagamente accusado por quatro individuos, contra quem o snr. Costa, na sua posição de juiz, se vio obrigado a dar sentenças em processos civis e criminaes.

O snr. Costa teve a satisfação de vêr que estes mesmos individuos depozeram o contrario do que disseram em suas accusações.

O snr. Costa está nomeado para Salsete.

É um juiz imparcial e muito habilitado.

— A inauguração das fortificações de Lisboa, que devia realisar-se no dia 1.º do corrente, ficou transferida para depois da chegada d'El-Rei, que será a 10 ou 12 deste mez.

— Cantou-se hontem em S. Carlos a bella opera de Rossini — *Semiramis*. Foi completo fiasco, e foi acompanhada em toda a noute d'estrondosas salvas de tacão.

— Começaram os bailes de máscaras no Café-Concerto.

— Leotard continua a attrahir extraordinaria enchente no circo Price.

— Abriu-se a igreja de S. Roque. Conservaram-se todas as recordações historicas d'aquelle riquissimo templo. Felizmente o vandalismo não fez allí das suas.

— Falla-se em perdão d'acto para a Universidade, por occasião da estada de El-Rei em Coimbra.

Parece impossivel que em cousa tão anachronica se falle ainda n'uma epoca de progresso; e eu creio bem que nem

El-Rei o dará, nem o snr. ministro do reino o proporá, nem mesmo os academicos terão a baixaza de o sollicitar.

Infelizmente, já ha muito quem com boas razões duvide da sciencia de muitos filhos da Universidade; não ha necessidade alguma de dar corpo á duvida, nem d'augmentar o numero dos que a suscitam.

— A assemblea geral do Banco de Portugal reunio hontem e votou um elogiio á direcção pela maneira acertada porque se houve por occasião do incendio. Resolven cantar um *Te-Deum*, e elevar a quantia com que subscreveu para as victimas da fome de Cabo-Verde. Authorisou tambem a direcção a construir ou alugar edificio para o Banco.

— A camara municipal publica no *Diario* d'hoje uma relação dos objectos salvados no incendio do dia 15.

— Está em Lisboa um ventriloquino, mr. Bernet, que se apresentará brevemente no Gymnasio. Imita o canto de muitas aves, e faz muitas cousas mais. Eu vi-o e admirei-o hontem á noute no café Martinho.

### Felicitação Academica

Semhor! — Os filhos da universidade de Coimbra, ao tactearem n'esta hora com a mão o solo do seu paiz, sentem lá dentro no coração de todo elle a febre vertiginosa do enthusiasmo, e o ancioado estremecimento dos grandes jubilos!

Passa o REI e a RAINHA de Portugal! Precede-os o clarão, e segue-os o rasto de um metéoro! Tremulam bandeiras por sobre as ameias dos castellos, bailam os galhardetes nos postes das esquadras, é harmonia e festa por toda a parte; desoldam-se e enfileiram-se as turbas, e nas turbas não ha senão alas de namorados! — Logar pois á Academia de Coimbra, n'alma de vinte annos, alma tambem enamorada, que tem uma crença, um braço, e uma ideia para vir depor como oblata, n'esse trajecto, aos pés da sua RAINHA e do seu REI!

Alvorçara-se de contentamento o genio da industria n'um dos angulos do paiz, descerrára elle de par em par os áditos do seu templo, mandára tanger os sinos a rebate de festa nacional, e apontando para as capellas desnudadas conclamára aos povos todos: «entrae, e na pedra de ará uni a esta data o vosso nome».

O grito convidativo galgou aos paços da realza, ergueram-se do escabello as Magestades, e uma á outra disseram: «Vamos nós tambem, e vamos ser ali os ultimos romeiros; os ultimos, porque fica sempre mais viçosa a derradeira flor na Jerusalem visitada: n'este repente vem cortal-os o lacrimoso vagido de uma criancinha onde foi aninhar-se a alma d'elles ambos, e que como elles será REI um dia; gela o susto nos ouvidos onde o echo se apagou, mas a alma forte dos Reis de Portugal, revoando aos labios, disse: «os netos de D. Pedro IV. e do martyr de Novara aprenderam nos fastos de seus avoengos que o mais bello e soberbo impulso d'um Rei é fazer hecatombe dos affectos da sua paternidade particular aos deveres da sua paternidade publica! Quando o rei D. Carlos acordar do somno da sua infancia, encontrará no seu berço gravada com as lagrimas de sua mãe uma data, que será ao mesmo tempo uma gloria explendida no passado d'ella, uma lição ma-

nifica para o futuro d'elle! Spartano heroismo! A Academia de Coimbra curva-se diante d'elle!

REI de Portugal, a mocidade academica tem para vós uma saudação livre, liberrima, e amorosissima, por que vós sois para ella, como para o mundo todo, o capitulo d'uma historia já muito avançada em tradições gloriosas, porque sois na terra a synthese das liberdades publicas portuguezas; porque sois para ella só, além de tudo isso, o primeiro mestre, o primeiro pae e o primeiro amigo!

RAINHA dos portuguezes! a mocidade academica tem para vós um voto sincero, expansivo, ardente! Nas régias mãos o acolhei, se vos não pesa, e comvosco o deixae ir até ao recesso dos vossos paços! Este voto, nós aqui o juramos todos com a mão sobre o coração da patria, é o voto pela felicidade de D. Carlos, voto de lealdade e amor eterno ao nome de vosso filho! voto eterno, e asselado já, porque nos vem a consciencia instruin-lo a todos de quão magnanimas devem de ser as virtudes insufladas pela filha de Victor Manoel ao neto do libertador da Italia! Tendes, Rainha, uma aurora a educar. Esplendida e coruscante deve ella romper pelo horizonte dos mundos, porque n'esta hora renasce do augusto consorcio em que um elo uniu a estrella de Italia com o sol de Portugal! E tambem, Rainha, quando no meio dia do seu curso mais fulgidos rebrilharem os raios d'esse astro educado por vós, então, e sempre, e eternamente, a mocidade academica, nós ou nossos filhos, procuraremos a vossa imagem no mais formoso d'esses raios!

Reis de Portugal! A academia de Coimbra tem uma cabeça para pensar em vós, um braço para vos servir, e um coração para vos amar. Assim felicitarão sempre as academias os reis que eram como vós. Assim felicita a academia de hoje os reis que são como os reis da historia!

Coimbra, dezembro 1863. — A commissão academica: — João Cardoso Vieira de Castro, António Bernardino Cerqueira Lobo, José Braz de Mendonça Furtado, José Leite Monteiro, Manoel de Oliveira Chaves e Castro.

### RESPOSTA DE SUA MagestADE

Fulge o ardor do enthusiasmo nas expressões que me dirige a brilhante mocidade academica.

Sente-se bem e muito n'essa quadra da vida. Como as flores da primavera, brotam os affectos ao sol dos primeiros annos. São das almas juvenis os impulsos generosos.

Toda a mocidade é esperanza, e a mocidade estudiosa verdadeira esperanza é da patria e do futuro.

Sabem do coração as manifestações da vossa dedicação.

Do coração as agradeço e retribuo.

Aos reis livres d'un povo livre só prazem os livres applausos. Retribu-os e agradeço-os tanto mais, quanto mais espontaneos, tanto melhor quanto abrangem tudo o que no mundo me desvella — a minha familia como homem, a minha grande familia como rei.

Nas festas da industria ou da sciencia ha sempre o mesmo pensamento fecundo — honrar o concurso dos prestantes louvores — recompensar os que se avantajam nas pacificas lides.

Operarios da civilisação são todos os que, nas diversas esferas da intelligencia,

cia e do trabalho, á sombra da paz, cooperam na obra commum.

Distinguir os seus é glorificar a um tempo o seu e o paiz; e os mais invejáveis titulos dos soberanos são hoje os de pai e amigo do seu povo.

Acceto com alvoroço e peço a Deus que elle me dê constantemente inspirações e forças para bem os desempenhar.

### Discurs proferido por El-Rei na distribuição dos premios na universidade

Nas paginas de uma nobre historia tem passado de seculo a seculo as tradições de amor e lealdade na antiga e premente universidade de Coimbra. Lealdade e amor aos seus reis e libertades foi sempre brazão de portuguez. Neste alcaçar das sciencias não podiam deixar de predominar os sentimentos da nação.

Assim como estes affectos herdados continuam e se acrysolam na benemerita corporação cathedratica e academica, assim os exemplos dos meus antecessores, que em epochas diversas tão claramente manifestaram a sua solicitude por esta universidade, me estão indicando o norte que me cumpre seguir.

Premiar o merito devidamente reconhecido e authenticado pelo voto dos competentes é dever dos reis, aprasivel dever entre tantos tão arduos.

N'estes incruentes torneios, francos a todas as aspirações, o triumpho só deve ser estimulo e nunca dessa. Os vencedores de hoje acharão emulos amanhã, e em tão honradas porfias ganhará sempre a patria.

Á illustre universidade e á briosa academia está confiada uma nobre e gloriosa missão. Será em todo o tempo digno d'ella este grande corpo, e em quaesquer circumstancias nunca este desmentirá nem as memorias do passado, nem os sentimentos que exprime.

### NOTICIARIO.

**Telegramma.** — O exm.º sr. governador civil dignou-se communicar-nos o seguinte telegramma:

Lisboa 10 do corrente, ás 4 horas e 40 minutos da tarde.

A s. exc.ª o sr. governador civil de Braga.

**SS. MM. chegaram a Lisboa de perfeita saúde.**

*M. de Sabogosa.*

**Ação louvavel.** — O illm.º sr. doutor Antonio Vieira d'Araujo offereceu ao asylo d'infancia desvalida de D. Pedro V uma inscripção no valor de 50,000 rs., para commemorar a exposição agricola e a visita de SS. MM.

É uma acção digna do maior louvor, e que honra sobremaneira o sr. doutor Vieira, tão costumado a estas acções de verdadeira caridade.

**Visita ás escolas.** — O digno inspector, o sr. doutor Moura, visitou no dia 2 do corrente a escola de Prado, de que é professor o sr. Manoel Maria da Gama, achando-se presentes ao acto da inspecção os snrs. administrador do concelho, parochia da freguezia e membros da junta de parochia, o proprietario João José de Azevedo, e o padre José Narciso Leite e Mello de Vasconcellos.

É frequentada esta escola regularmente por 30 a 35 alumnos, sendo a matricula de 52. O sr. Moura achou muito regulares em leitura, escripta e doutrina os alumnos de 1.ª classe.

A casa desta escola não é muito espaçosa, mas pôde melhorar-se com alguns pequenos reparos.

O digno inspector, cumprindo com os deveres do seu ministerio, concitou os mora-

dores desta freguezia a mandar seus filhos á escola, e promoveu em seguida uma subscripção para o fornecimento de compendios aos alumnos pobres. Organizou tambem uma commissão que ficou encarregada de promover a instrucção e fiscalisar o ensino.

A commissão ficou composta dos snrs. Jose Joaquim Ribeiro, de Caddellas, José Narciso Leite e Mello de Vasconcellos, João José de Azevedo, e Antonio Miguel Meirelles.

No dia 3 visitou o sr. Moura a escola da Graça, de que é professor o sr. Domingos José da Silva Pimentel. Assistiram ao acto da inspecção o rev.º parochia, membros da junta de parochia, e os proprietarios Antonio José Correa, Antonio Fernandes Coelho, Manoel Rodrigues Ennes, Antonio José Soares Ramalho, e o regedor substituto João Francisco da Costa.

O numero de alumnos que ordinariamente frequentam esta escola regula de 45 a 50, achando-se matriculados 62, entrando nesta conta duas alumnas.

É muito satisfatorio o aproveitamento dos alumnos em todos os ramos do ensino, achando-se muito principalmente os de 1.ª classe adiantadissimos no systema metrico e grammatica portugueza. Torna-se digno de louvor o distincto professor desta escola pelo zelo e exactidão, com que desempenha o seu ministerio.

A casa, porém, da escola é pessima, e em vista d'isto o sr. Moura instalou uma pequena commissão composta dos snrs. Antonio José Correa, Antonio Fernandes Coelho, Manoel Rodrigues Ennes e João Francisco da Costa, para estes snrs. providenciarem sobre a casa e mobilia, e subministrarem compendios aos alumnos pobres.

**Festividade.** — Festejou-se na terça feira, na capella do Paço Archiepiscopal, com exposição, missa cantada e sermão, a imagem de Nossa Senhora da Conceição, padroeira destes reinos.

O orador foi o sr. padre Velloso.

**Cara de miguelista.** — O jornal o *Districto*, no seu penultimo numero querendo photographar as feições do sr. ministro do reino, diz que tem este *cara de miguelista*.

Por mera curiosidade quizeamos verificar a exactidão da affirmativa do localista d'aquelle jornal, e em verdade não achamos feição alguma semelhante á dos rostos dos snrs. padre Martinho, Barata, Damião Pereira e Madureira, com quem o comparamos, e os quaes são reconhecidos como chefes miguelistas, e como taes typo de perfeição da raça.

O que, porem, ficamos entendendo, não obstante a dessimilhança, é que o collega ou quiz fazer um elogio ás feições do sr. Braamcamp, comparando-o com typos tão seus amados, ou epigrammal-o, porque estes já lhe vão parecidos feios.

Os seus *aliados* que lh'o agradeçam. O sr. Braamcamp não nos consta tivesse já-mais pretensões a bonito nem como tal foi que attrahiu as sympathias dos seus correligionarios, mas sim pela sua proverbial honestidade e reconhecida intelligencia.

**Eleição.** — Teve logar na terça feira, segundo o estatuto, a eleição para os diversos cargos do asylo de S. José de S. Lazaro

### (COMMUNICADO)

**Deu no vinte.** É, sim, minha senhora! Que felicidade, exc.ª senhora, matar um *maskara*, sem *careta*. Já é. Mas como tanta fleuma, e tanto calor n'uma quadra frigidissima!... Deu no vinte.

### CORRESPONDENCIAS.

*Sr. redactor.*

Em vista dos valiosos documentos apresentados pelo sr. Antonio Alexandre Pereira Maya no n.º 93 do *Progresso*, declaro que não sei o que o sr. Thomé de Souza Pereira Veiga possa oppor em sua defeza. Já agora não terá o sr. Thomé outro remedio se não *baquear moribundo e vergonhoso, cedendo ao peso de tão importantes documentos*. Seja-lhe muito bem empregado por ter a *audacia* de se metter a questionar com o sr. Maya, homem versado em alambiques e tinta de escrever.

O sr. Thomé é por força *mau homem!* Pois que mal lhe fez o exposi-

tor do alambique para o ir denunciar como desertor ou refractario? Que mal lhe fez o *imparcial* (este imparcial é o proprio sr. Maya) para o acoiar de caloteiro?

O sr. Thomé declara que nem denunciara o sr. Maya como desertor, nem tão pouco lhe chamara caloteiro. A ser isto verdade como eu acredito, ou o sr. Maya endoudeceu, ou então quer caçoar com o respeitavel publico. Pois que relação tem a questão do alambique com os documentos que o sr. Maya apresentou?

Agora o que deve fazer o sr. Thomé para de maneira nenhuma dar o seu braço a torcer, é apresentar a sua certidão de idade e algum recibo que tenha da redacção do *Braz Tisana* de que sei tem sido assignante, porque só com esses documentos é que poderá derrotar os apresentados pelo sr. Maya.

Que o sr. Thomé está cem furos abaixo do sr. Maya ninguém o contesta. O sr. Maya tem *cursos* e o sr. Thomé não os tem. O sr. Maya pode ser eleito deputado por que tem *cursos*, e o sr. Thomé *obra* muito mal em lhe querer contestar a sua sabedoria e o seu genio *d'invention*.

Maldito alambique foi esse, que o boticario dos Chãos apresentou na grande festa do trabalho! Quanto melhor lhe fôra não ter concebido similhante idea!

E no fim de contas tenho pena e muita pena do pobre diabo do sr. Maya, e lastimo sinceramente a indcente e má figura que está fazendo. Receio até que venha a perder o juizo de todo, e que tenhamos ainda de o vêr por essas ruas a dizer aos transeuntes—aquelle alambique, aquelle alambique—qual outro desgraçado Jejum que não cessa ainda hoje de dizer—aquellas contas, aquellas contas.—Pois é pena se tal acontece, porque a patria tem a *esperar* muito do sr. Maya, e as futuras exposições perderão todo o seu *brilho* quando lhes faltarão tão *decantado*positor.

O sr. Thomé, mil annos, que viva, nunca poderá chegar ás sollas dos sapatos do sr. Maya!! Escusa de se matar sr. Thomé, por que hade morrer boticario do Hospital (se o sr. Maya o não pozer de lá fora) em quanto que o sr. Maya, que nunca foi rapaz de botica (mas sugeitou-se a ser boticario) tem muito boas esperanças de ainda um dia ser eleito deputado, e conta para isso não só com os seus *numerados* amigos, mas com o auxilio de toda a imprensa da Cochinchina, já que a d'este paiz, para a qual recorre na questão do alambique, nenhuma importancia deu ao seu reclame.

*Um inimigo dos charlatães.*

*Sr. redactor.*

Peço-lhe a publicação da minha primeira e ultima resposta aos dous snrs. professores J. J. da Silva Pereira Caldas e A. M. Pinheiro Ferro, pelo que mais uma vez me confesso

*De v. etc.*

*F. Joaquim Moreira de Sá.*

No *Progresso* n.º 92 vem um emprasmamento dos snrs. professores J. J. da S. Pereira Caldas e A. M. Pinheiro Ferro, para que eu sem *subterfugios* declare no mesmo jornal se a minha declaração no n.º 89 do dicto jornal allude ou não aos dous snrs. professores. Pasmeei de que se me fizesse—ainda em cima—um emprasmamento por parte de quem devia ter reminiscencia e consciencia dos seus actos; e sendo já bem publico o facto insolito de que eu me queixára, resolvi comigo mesmo de não responder ao emprasmamento.

Assim o fiz. Agora porém, que nas noticias diversas do n.º 13 do *Campeão* apparecem algumas linhas, assignadas pelos mesmos snrs. professores, pretendendo concluir

do meu silencio—«que vim á imprensa fingir factos que não existiram»—accudo pela minha honra, e venho forçado pelo imperioso dever de cavalheiro, narrar toda a historia que me trouxe ao campo da imprensa, para que o publico illustrado, para quem os mesmos signatarios appellam, qualifique e julgue do procedimento d'uns e d'outros.

Eis a historia:

No dia do mercado, anterior ao domingo da eleição da camara, encontrou-me o sr. A. M. Pinheiro Ferro no campo de Sant'Anna, e dando-me um abraço, exclamou—Então v. vota contra os amigos?! Não sabe o que esta gente me fez?! Eu respondi: Não voto contra os amigos—voto na lista apoiada pelo governo local; porque um amigo desde a infancia, a quem sou grato, me pediu por maneiras delicadas no baile do sr. Raio, para eu assim votar; e eu votaria no sentido contrario, se não tivessees comprometido a minha palavra, ou se o sr. Ferro me tivessees pedido o voto antes; porque, devendo me igual conceito tanto os cavalheiros que servem de camara, como os que se propoem, votando d'um ou d'outro modo, votava bem. O sr. Ferro continuou—É verdade, a culpa é nossa; porém o sr. Moreira de Sá ha de estar doente no dia da eleição, tenha paciência; e com estas e outras instancias pretendia o sr. Ferro que eu tivessees doente no seguinte domingo; não comprehendendo que para o homem de bem, e para o amigo leal, taes casos são pontos d'honra, e que nessas occasiões nem sequeré permitido estar doente! Eu não podia deixar de corar com taes propostas, e o sr. Ferro despediu-se de mim bem mal impressionado.

Por desdita minha achei-me, ou nesse mesmo dia, ou no seguinte, no caffè Vianna, onde appareço raras vezes, e quiz o acaso que ali me encontrasse com os snrs. A. M. Pinheiro Ferro, J. J. da S. Pereira Caldas, engenheiro Correa da Silva, e reverendo padre Pinho, professor do meu collegio. A ordem do dia então era—eleições da camara. O sr. Ferro disse nessa occasião para todos nós:—O governo commette toda a qualidade de immoralidades, e quiz provar a sua asserção tirando da algibeira uma carteira, onde leu um apontamento respectivo ao sr. administrador, a respeito de certo ecclesiastico etc. e acrescentou—que elle professor não tendo outro partido a tomar, opporia as mesmas immoralidades; iria ter com aquelles que tivessem rapazes a examinar no fim do anno, e lhes prometteria *tudo o favor* no caso que votassem com elle professor. Eu bem vi nestas expressões envolta uma insinuação indirecta a mim; porém ri-me e retirei-me.

No dia seguinte o sr. padre Pinho, ao levantar-nos da meza do jantar, disse-me:—Olhe que dizem os snrs. Ferro e Caldas que veja lá o que faz; que tem collegiaes a examinar no fim do anno, e que depois não se queixe; que justiça que sim, mas com favor que não conte.

Perguntei eu:—Então quem lhe disse isso? respondeu-me o sr. padre Pinho:—O sr. Ferro; e o sr. Caldas acrescentou a—Eu hei de fazer toda a diligencia [por ir: todas as mezas onde forem collegiaes do Moreira de Sá.

Ora isto foi-me dicto pelo sr. padre Pinho n'uma hora de mau humor. Senti de-veras a offensa de tão perfida e insolita insinuação, e, não podendo acabar comigo sofrer calado a affronta, sahi direito á redacção do *Progresso*, e ahí escrevi e dei a compor a declaração que fiz.

Eu traduzi aquellas palavras offensivas, que se me mandaram dizer, em est'outras que publiquei. Se não traduzi bem, foi isso devido ao meu acanhado entendimento, e desde já me presto de boa mente a todas as satisfações que o brio e o cavalheirismo de mim exijam, porque nem por familia, nem por educação, nem por modo de pensar sou eu homem que se negue a toda e qualquer reparação, que a justiça me reclame.

Pesa-me de ter levantado na imprensa uma questão feia como é esta; mas a culpa não é minha; é de quem pensou que eu fosse um cobarde miseravel, e que me fez a injustiça de suppor que eu me demoveria d'um empenho d'honra por meio d'alguma pressão.

Tal é a resposta que tenho a dar aos dignos professores; e agora o publico illustrado qualifique o meu proceder.

Braga 9 de Dezembro de 1863.

*F. J. Moreira de Sá.*

Publicações litterarias

Convide e pedido para a reimpressão da **MACARRONEIA LATINO-POR-TUGUEZA**, obra, que é hoje muito rara, e, cujo merecimento é bem conhecido por todos os competentes, principalmente como um Monumento da nossa Litteratura, unico no seu genero. Sahirá com toda a correccção e em bom typo e papel, logo que haja numero d'assignantes, sufficiente para as despesas e será com toda a brevidade remettida aos Srs. assignantes. (Preço da assignatura 300 reis.)

DESPEDIDAS

**José Maria Rodrigues de Carvalho** aproveita este meio para se despedir de todas as pessoas, que o honraram com as suas visitas, e pede desculpa de não o fazer pessoalmente. (254)

**João Joaquim de Carvalho Braga**, ausentando-se temporariamente d'esta cidade, não lhe foi possível despedir-se pessoalmente das pessoas de sua amizade, e por isso o faz por este meio e pede desculpa d'aquella falta involuntaria. (252)

**Manoel José Ferreira Lima**, e sua senhora, tendo de retirar-se d'esta cidade temporariamente para Lisboa, por este, agradece a todos os seus amigos, que durante sua residencia nesta cidade, o obsequiaram e procuraram quando pessoalmente o não fizesse do que pede desculpa, protestando a todos o seu reconhecimento, e offerece seu limitado prestimo quando lhe seja util n'aquella Capital. (255)

ANNUNCIOS

**Quem quizer vender** títulos azues e dos das tres operações, falle na loja da Porta do Souto n.º 18. [251]

No dia 13 de Dezembro de 1863, pelas 10 horas da manhã á porta do tribunal de primeira Instancia no Paço Archiepiscopal se tem de arrematar a quem mais der os bens pertencentes á orfã Roza filha de Francisco Gonçalves, renda da freguezia de Ruilhe a saber o campo do Lameiro no valor de 126\$000 reis; o campo da Lama no valor de 380\$000; o campo da Areia no valor de 250\$000, dous cortellos do Prado e da Fonte no valor de 120\$000; o total da lama ou lameiro no valor de 46\$000; tudo de natureza de prazo de que é directa snr.ª a quinta de Villaca, e a Bouça do Monte a confrontar com o caminho que vem de Cunhapara Villaca, de natureza alodial, no valor de 30\$000 reis e pelo cartorio do Escrivão Leite. (242)

Faz-se publico que no dia 24 do corrente pelas 11 horas da manhã hade ter lugar no Quartel General da divisão a arrematação em globo ou em parte do fornecimento das rações de pão e forragens á tropa existente na dita divisão, ou que por ella tranzitar por 6 mezes, a contar do 1.º de Janeiro de 1864 a 30 de Junho do dito, devendo os licitantes apresentarem suas propostas em carta fe-

chada até ao dia 23 e fazerem o competente deposito.

As mais condições da arrematação estarão patentes na Secretaria da divisão até ao referido dia, desde as 9 horas da manhã até ás 3 da tarde.

Quartel General em Braga 8 de Dezembro de 1863.

Manoel Joaquim Marques, Capitão chefe interino d'estado maior.

Por ordem do exm.º snr. conselheiro governador civil se faz publico que dos 300\$000 rs. deixados por SS. MM. para os pobres de Braga que lhes dirigiram petições foram distribuidos 24\$000 ao recolhimento das Convertidas, 20\$000 ao da caridade, 18\$000 ao Conservatorio de S. Domingos, 8\$000 ao recolhimento de Santo Antonio das beatas, e que para a distribuição dos 230\$000 restantes, foram pedidas informações aos Reverendos Parochos, a fim de se guardar a devida proporção nas esmolas, que serão previamente annunciadas.

Braga 7 de Dezembro de 1863.

O Thezoureiro

Antonio Ignacio Marques.

Vende-se um rico relógio de meza com redoma de vidro em ponto grande, e com 6 caixas de musica.

O relógio tem 15 dias de corda, bate horas, quartos e meios quartos; as horas em bordão, e os quartos e meios quartos por musica; em cada meia quarto toca uma peça de musica, mas diferente no som das dos quartos, e os quartos n'este gosto, ao 1.º quarto toca uma peça, aos 2, duas, aos 3, tres, aos 4, quatro, de maneira que em cada hora toca 14 peças todas diferentes, e vem a tocar as caixas todas 32 peças diferentes. O seu menor preço, é de reis 300\$000. Quem o quizer ver dirija-se á rua de S. Marcos n.º 27, em Braga. (357)

Deposito de sabão e sabonetes.

Na botica da rua de S. Marcos ha um grande deposito de sabão e sabonetes da fabrica de Beato Antonio de Lisboa, premiado nas exposições de Londres, Porto e Braga, que vende por preços muito commodos. (256)

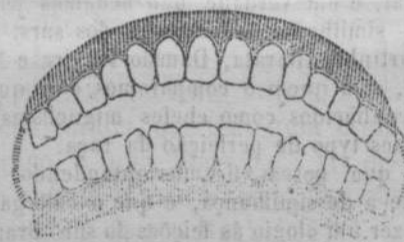


Typographia do Seminario dos Orfãos

Imprime-se com nitidez n'esta typographia toda e qualquer obra, por modicos preços.

Ha, para facturas, uma bonita colleção de traços de penna, e tintas de cor, francezas.

Vende-se um bom oratorio com um rico Santo Christo, bem como um piano de seis oitavas; quem os quizer comprar dirija-se a Domingos Ferreira Alves, rua de Janes n.º 13. (249)



Mr. Adolphe Fauché

Cirurgião dentista.

Trabalha em tudo o que pertence ao ramo de dentista, por todos os systemas mecanicos conhecidos em Portugal e no estrangeiro. No seu gabinete se encontra o que ha mais moderno tanto instrumentos como pastas e dentes, de que é auctor o annunciante.

No mesmo estabelecimento se encontra — Elixir e pós hygienicos para limpar e aformosear os dentes —, conservando-os no melhor estado de saude: refresca a bocca, põe os dentes brancos como o marfim, dá cor de rosa ás gengivas, deixando bom gosto e cheiro. O uso diario d'este elixir evita a accumulção do sarro que causa a putrefacção dos dentes. E' preparado por o acreditado dentista Mr. Adolphe Fauché, que vende frascos de 200 e de 300 rs.. na rua dos Chãos de Baixo n.º 10. (124)

ATENÇÃO

Camas de ferro e lavatorios

A cham-se á venda da por preços commodos bonitas camas de ferro a fugir cana e mogne de dif-

ferente tamanho na rua do Souto n.º 10

**MATHEMATICA ELEMENTAR.** — Gonçalo Antão de Macedo Sá e Abreu, professor legalmente habilitado, abriu aula de um curso completo d'esta disciplina, ás 5 horas da tarde.

Os que pretenderem matricular-se podem comparecer em casa do referido professor.

COLLEGIO

De Nossa Senhora da Conceição das Carvalheiras.

Admitte alumnos internos a 80\$000 rs. e semi-externos a 30\$000 rs. por anno; e externos a 500 rs. por mez por cada uma das disciplinas que o alumno frequentar.

Dá-se boa educação religiosa, moral e civil, tomando como norma o Evangelho e os bons costumes; e adiantam-se os alumnos, pelos quaes se tem a maior vigilancia que é possível assim em relação ao moral como a physico.

O tratamento é abundante, sadio e variado, tendo sempre — almoço jantar, merenda e ceia.

Em julho ultimo fizeram os alumnos d'este collegio 23 exames no Lyceu d'esta cidade, ficando todos approvados, e com distincção.

Ha professores legalmente habilitados para todas as disciplinas.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para esta cidade ao director do collegio — Francisco Joaquim Moreira de Sá. (3)

PARA O RIO DE JANEIRO

Vae sair com muita brevidade a galera — **JOAQUINA** — capitão Sanctos

Para carga e passageiros, tracta-se com João Adrião da Rocha, rua dos Ingleses n.º 52 e 54. (107)

PRIMEIRA E ANTIGA FELIZ

RORIZ

Rua das Flores n.º 1 e 3, junto á egreja da Misericordia. PORTO.

LOTERIA DE LISBOA

Premio Grande

16 CONTOS

JOSÉ IGNACIO FERREIRA RORIZ.

Affiançado no governo civil do Porto, em conformidade do edital de 28 de junho de 1860.

TEM Á VENDA na sua antiga e bem conhecida loja, os bilhetes inteiros a 6\$600 meos ditos a 3\$300, quartos a 1\$650; oitavos a 850, e caulellas a 500 e 250 rs. da presente loteria; cuja extracção deve ter lugar no dia 10 de dezembro do corrente anno de 1863.